


## O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE DE CRIANÇAS PRETAS: UMA LEITURA DO LIVRO AMORAS

*THE ROLE OF CHILDREN'S LITERATURE IN THE FORMATION OF  
SUBJECTIVITY AND IDENTITY OF BLACK CHILDREN - A READING  
OF THE BOOK AMORAS*

Beatriz Sousa Gomes  <https://orcid.org/0009-0000-6680-1933>  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
d202020577@uftm.edu.br

Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro  <https://orcid.org/0000-0001-7581-105X>  
Universidade Federal de Santa Catarina UFSC  
maylla.chaveiro@gmail.com

*D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.13619627>*

*Recebido em 12 de março de 2024*

*Aceito em 24 de abril de 2024*

**Resumo:** O presente artigo busca refletir acerca do papel da literatura infantil na formação da subjetividade e identidade de crianças pretas, amparado pela leitura do livro *Amoras*, escrito pelo rapper Emicida. Foi utilizada a metodologia de caráter qualitativo, descritivo, exploratório, a partir da revisão bibliográfica. Por meio da interdisciplinaridade entre psicologia e literatura, o artigo apresenta a importância do acesso à produções literárias de temática afrocentrada durante o processo de desenvolvimento e subjetivação de crianças negras, como forma de promover uma visão e percepção de si mesmos desprendida de estereótipos. Este artigo será embasado epistemologicamente no campo das relações étnico-raciais, nos estudos sobre infâncias e literatura infantil, e das perspectivas interdisciplinares de construção de conhecimento. Por fim, a partir da discussão teórica e da reflexão acerca da obra *Amoras*, conclui-se a importância de expor as crianças à referências étnico-raciais positivos, considerando que a construção de subjetividade das mesmas está atrelada aos referenciais teóricos que as rodeiam, para assim promover identificação e empoderamento de crianças pretas propiciando uma constituição subjetiva de amor à própria figura.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Crianças Negras. *Amoras*. Maiorias Minorizadas, Relações Étnico-Raciais.

**Abstract:** This article seeks to reflect on the role of children's literature in the formation of the subjectivity and identity of black children, supported by reading the book *Amoras*, written by rapper Emicida. A qualitative, descriptive, exploratory methodology was used, based on a bibliographic review. Through the interdisciplinarity between psychology and literature, the article presents the importance of access to literary productions with Afro-centered themes during the process of development and subjectivation of black children, as a way of promoting a vision and perception of themselves free from stereotypes. This article will be epistemologically based on the field of ethnic-racial relations, studies on childhood and children's literature, and interdisciplinary perspectives on knowledge construction. Finally, based on the theoretical discussion and reflection on the work *Amoras*, the importance of exposing children to positive ethnic-racial references is concluded, considering that the construction of their subjectivity is linked to the theoretical references that surround them, to thus promoting identification and empowerment of black children, providing a subjective constitution of love for one's own figure.

**Keywords:** Children's literature. Black Children. *Amoras*. Minorized Majorities, Ethnic-Racial Relations.

## 1. Introdução

A leitura é uma ferramenta essencial para a construção de subjetividades e significações nas crianças, possibilitando a compreensão de si mesmas e do mundo através das mais diversas narrativas (Pereira; Nascimento, 2020, p. 483). Diante disso, este artigo busca, por meio da articulação entre os campos teóricos da literatura e psicologia, pensar sobre o lugar da literatura infantil na formação da subjetividade e identidade de crianças pretas, amparando-se na leitura do livro *Amoras*, do rapper, cantor e compositor brasileiro Emicida. Tendo a infância como um fenômeno complexo, resultante de experiências provenientes do campo das intersecções (xxx, 2020, p. 86) e como o período fundamental para a constituição psíquica e identitária das crianças, é necessário fortalecer o contato delas com produções artístico-culturais e referenciais teóricos e lúdicos afrocentrados, que construam representações positivas e enalteçam as características e singularidades da população preta, de modo a empoderá-las e possibilitar a internalização do amor à própria figura.

A construção deste trabalho foi apoiada em uma metodologia de caráter qualitativo, descritivo, exploratório e de revisão bibliográfica, buscando proporcionar uma visão geral acerca da relação existente entre a literatura infantil racializada, a partir do exemplo do livro *Amoras*, e a construção da subjetividade e identidade de crianças pretas. A coleta de dados foi realizada a partir da reunião de informações e conhecimentos encontrados em materiais teóricos já publicados em relação ao tema, nos campos da psicologia e da literatura, conferindo perfil interdisciplinar à pesquisa. O caráter interdisciplinar se torna imprescindível aqui, já que entende que a produção de conhecimento é ferramenta fundamental para a desconstrução de representações sociais marcadas pela alienação e exclusão (Frigotto, 2008, p. 51)

A interdisciplinaridade se constitui como uma abordagem possível para conceber e representar a realidade de forma cultural, ideológica e científica na história social. Também traz a importância de compreender que a construção de determinado conhecimento específico de uma dimensão depende da sua relação com as demais dimensões, não podendo ser analisado de forma isolada (Frigotto, 2008, p. 45). Desse modo, faz-se importante a articulação entre dois campos teóricos como a educação e a psicologia, que apesar de terem suas especificidades, podem se complementar no entendimento da temática aqui abordada. Além disso, pensando nas relações étnico-raciais, é possível perceber o quanto os saberes produzidos pelas classes dominantes se tornam presentes no senso comum de grupos sociais minorizados (Frigotto, 2008, p.54). Essa percepção pode ser relacionada à existência do racismo estrutural e institucional enraizados na constituição social brasileira.

O racismo estrutural se apresenta como resultado da estrutura de privilégios e desvantagens que foi sendo estabelecida ao longo da história nos âmbitos político, econômico, jurídico e até mesmo familiar. Por se constituir na ordem social ele é considerado parte da estrutura estabelecida de modo coletivo e cria condições para que pessoas negras e pessoas indígenas sejam discriminadas de forma sistemática. Dessa forma, ele não precisa ser intencional, ele já faz parte da estrutura social como um todo e é manifestado nela (Almeida, 2019, p. 24). Já o racismo institucional se caracteriza pela reprodução do racismo de ordem social/estrutural dentro das instituições, como o Estado, as escolas, entre outros. Essas instituições possuem funcionamento embasado em regras e padrões racistas que conferem disparidades de tratamento a depender da raça (Almeida, 2019, p. 20). Nesse sentido, entende-se que a desigualdade racial é uma característica da sociedade como um todo, tendo em vista a colonialidade das relações de poder que foram estabelecidas historicamente na sociedade, que inibem a capacidade

de reconhecer as nuances de distintas vivências históricas e como elas implicam na construção de conhecimento e de ação (Quijano, 1992, p. 74).

Esse tipo de relação de poder e de estrutura social coloca a maioria minorizada da população em uma perspectiva onde se considera como referência de produção, expressão, experiência, conhecimento e beleza (Quijano, 1992, p. 74), aqueles que são a ideia-imagem da história da civilização humana, os brancos de traços europeus (Quijano, 2005, p. 122). A ideia de maioria minorizada é central para entendermos essa relação, já que ela representa o grupo social e racial de pessoas negras do Brasil que, mesmo sendo a maioria em contingente populacional, é minoria no que se refere à capacidade de desfrutar dos direitos e responsabilidades competentes aos cidadãos, ou seja, direitos legais e civis, direitos sociais, econômicos e culturais (Almeida, 2021, p. 2). Dessa forma, as pessoas negras passam a constituir seus afetos e subjetividades a partir de um padrão de separação racial que está presente no imaginário social e em práticas sociais cotidianas, padrão esse que é reforçado a todo momento por meios de comunicação, pela indústria cultural e também pelo sistema educacional (Almeida, 2019, p.30). Diante disso, fica evidente a necessidade de inversão nessa lógica de pensamento enraizada na população preta, sendo a construção de boas referências na infância, uma forte possibilidade de ferramenta de mudança.

Colocar ênfase na infância para a efetivação de transformações é totalmente proposital no escopo deste artigo. Esse período pode ser entendido não só como uma fase biológica da vida, mas como um produto da construção social, que se modifica a partir do contexto histórico e cultural em que se encontra. Apesar de não ser possível precisar o momento em que questões sociais, como a racial, passam a constituir as identidades das crianças, sabe-se que esse tipo de marcador social incide desde muito cedo em suas vivências (Chaveiro, 2020, p. 87). Isso quer dizer que, os ideais de beleza, de poder e de saber constituídos historicamente, são impostos sobre os indivíduos desde a infância, o que faz com que crianças cresçam aprendendo a desacreditar de suas próprias potencialidades e qualidades. Essa visão é corroborada por Neusa Santos Souza, psiquiatra e psicanalista brasileira, referência sobre os aspectos sociológicos e psicanalíticos da negritude, em passagem do seu livro *Tornar-se Negro*:

A violência racista subtrai do sujeito a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir. O pensamento do sujeito negro é um pensamento que se autorrestringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência, em virtude do bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a própria identidade (Souza, 1983, p. 20).

Paralelo a isso, discute-se a ideia de que, crianças as quais se desenvolvem em contextos que valorizam a estética e cultura negra, “podem adquirir ferramentas epistemológicas e políticas importantes para lidar com situações de racismo” (xxxxx 2020), e também com outros tipos de preconceito, em seu cotidiano. Nessa lógica, é possível pensar em sistematizar novos fundamentos epistêmicos e estéticos, focados em práticas que fujam da perspectiva colonial, por meio da educação e exposição das crianças à elementos culturais antirracistas, já que elas foram submetidas por menos tempo à sociedade estruturalmente racista e ainda não reproduzem tantos estereótipos e discriminações (Chaveiro, 2020, p. 86). Diante disso, desenvolver esse contexto favorável se caracteriza como uma potência porque investe na construção de novos modelos de identidade negra para as gerações futuras, onde indivíduos valorizam e se identificam com suas próprias características, sabem de suas capacidades e entendem que o que deve mudar é a perspectiva racista da sociedade como um todo.

Sendo assim, por se tratar de uma necessidade de alteração de um comportamento coletivo, a educação, a conscientização e a visibilidade da cultura negra se tornam mecanismos essenciais nesse processo. Tomando a escola como instituição presente na vivência do período da infância e o local onde se têm acesso à novas informações de mundo e saberes, onde se brinca, fantasia, aprende e se constrói sentidos sobre a natureza e sociedade (Menezes, 2017, p.14), é possível pensar esse contexto como marcador importante na constituição da identidade étnico-racial das crianças. Infelizmente, a escola não oferece muitas representações positivas da figura negra às crianças, tonificando a ideia de que essa população não contribuiu de maneira efetiva com a história, ciência, literatura e outros campos, tendo foco em mostrar a bondade dos brancos conscientes em libertar o povo negro dos anos de repressão (Almeida, 2019, p. 30). Nesse sentido, a educação pode aprofundar o racismo na sociedade, já que ao ser inserida no espaço de educação formal, a criança entra em contato com um modelo eurocêntrico de construção de saberes sociais e culturais (Chaveiro, 2020, p. 109).

Além disso, no que se trata da literatura de histórias de diversos gêneros como mistério, fantasia, aventura, entre outros, voltados para o público infantil, ainda se encontra uma enorme escassez de referências de heróis e heroínas, princesas e super-heróis negros. É preciso pensar nas características físicas e nas histórias e etnias desses personagens, já que eles são figuras relevantes durante a infância e funcionam como representações de quem as crianças vão querer ser quando crescerem (Chaveiro, 2020, p.115). Se essas representações não são diversas, o imaginário infantil fica limitado a não se colocar no lugar de identificação.

Porém, a partir do momento em que se valoriza o que a literatura tem a oferecer acerca da diversidade, não só racial, mas de diferentes valores, culturas e costumes, cria-se também um espaço que não só educa, mas rompe com modelos literários que enaltecem crianças brancas e inferiorizam crianças negras (Menezes, 2017, p. 13). Isso indica que, levar para dentro do contexto educacional materiais que construam uma representação de pessoas negras em posição de liderança, sabedoria e poder e protagonismo é de extrema importância para a construção de autoimagem positiva e consciência racial em crianças pretas (Chaveiro, 2020, p.156). Assim, constrói-se um ambiente empoderador, que não reduz a existência das minorias minorizadas às consequências do racismo, mas que oferece condições para expandir a visão acerca das potencialidades de cada um e retorná-las à sociedade (Chaveiro, 2020, 113).

Desse modo, possibilita-se também que os sujeitos tomem consciência de si mesmos, permitindo maneiras de se perceberem e de se relacionarem consigo mesmos, caracterizando assim o conceito de subjetividade (Ramminger; Nardi, 2008, p. 341). É importante destacá-lo aqui para pensar sobre como o contexto e as referências a que expomos as crianças podem incidir na sua busca pela sua própria identidade. Voltando às ideias de Neusa Santos Souza (1983) em seu livro *Tornar-se Negro*, podemos entender que nesse processo de construção de identidade, o sujeito vai em busca de figuras que carregam características que serão colocadas como ideais e internalizadas por eles (Souza, 1983, p. 43). Na lógica e contexto os quais a sociedade se encontra, de inferioridade da figura negra, o sujeito negro se depara com ideais inalcançáveis para ele, ou seja, ideais brancos. É nesse sentido que o negro se coloca em uma posição de negação de suas raízes e de rejeição de seus traços, podendo apelar para diferentes procedimentos a fim de pertencer ao ideal (Souza, 1983, p.44).

A constituição desse ideal e seus impactos na subjetividade começam no contexto familiar e perpassam as vivências na escola, trabalho e nos espaços de lazer (Souza, 1983, p.46). Por isso é importante desde os contextos mais iniciais o contato

com a representação positiva de sua figura, para que assim as crianças não cresçam reproduzindo as dinâmicas culturais e estruturais que regem a sociedade (Chaveiro, 2020, p.124). Ou seja, o fato de que o universo infantil não está descolado do universo adulto, deve ser sempre considerado, já que por causa da relação de poder existente entre adultos e crianças, elas terão acesso às desigualdades e opressões presentes na sociedade (Santiago, 2015, p. 134). Nesse sentido, possibilitar às crianças reconhecimento como protagonistas de suas relações sociais e a identificação étnico-racial as fortifica, deixando que internalizem que os ataques relacionados a sua aparência física e cultura estão relacionados às articulações racistas externas, construídas pelo mundo adulto e não à uma possível inadequação ou inferioridade do seu eu. Assim:

Elas poderão elaborar de maneira mais saudável que o seu corpo, seu cabelo crespo, sua pele ou seus traços, não precisam ser alterados e adequados ao padrão colonial vigente, mas o que precisa ser modificado é a perspectiva racista. (...) A autoimagem da criança negra irá espelhar os símbolos que recebe todo o tempo por meio de seus brinquedos, da aceitação e afeto de sua família ou comunidade e também da mídia (Chaveiro, 2020, p.123).

Diante do exposto, é possível pensar o livro *Amoras* como uma potente ferramenta a ser utilizada no combate ao racismo e na representação positiva para crianças. Nesse sentido, essa é uma obra amplamente utilizada em diversos trabalhos, muitos deles no campo da literatura, principalmente com a intencionalidade de analisar sua importância para uma literatura antirracista, seu uso como aporte teórico nas escolas, para o empoderamento de crianças pretas e suas construções identitárias. Junto a eles, este artigo visa focar no processo de subjetivação e identidade racial proporcionado por referenciais positivos provenientes de leituras e materiais midiáticos como a do livro *Amoras*, utilizando-se do estudo desse referencial já existente como base para sua construção.

Em primeiro lugar, apresentamos algumas reflexões acerca do campo das relações étnico-raciais, literatura infantil e constituição de identidade em crianças. Posteriormente, será realizada uma leitura atenta do livro infantil *Amoras*, escrito pelo rapper, cantor e compositor brasileiro, Emicida. Por fim, será debatida a importância do livro e da literatura infantil racializada na ampliação de referenciais positivos para a construção de identidade e subjetividade de crianças pretas, nos diversos contextos em que ela está inserida na sociedade, principalmente o escolar.

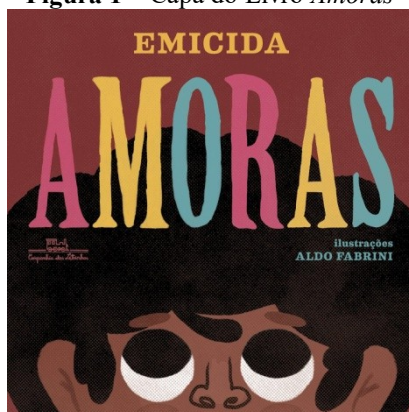
## 2. “As pretinhas são o melhor que há”: uma leitura do livro *Amoras*

*Amoras* é o primeiro livro infantil lançado pelo rapper Emicida no ano de 2018, que conta a história de uma menina negra de cabelos cacheados e olhos escuros como jabuticaba que, ao passear no pomar junto de seu pai, colhe amoras e se percebe parecida com elas: lindas, pretinhas e doces. Inspirada em uma conversa do autor com sua primeira filha, Estela, a história retrata de forma leve e sensível questões muito complexas, como a representatividade e a constituição de identidade das crianças baseada em identificação positiva com a própria figura (Elesbão, 2020). Com ilustrações de Aldo Fabrini, o livro traz não só o processo de entendimento da criança sobre a beleza e doçura de sua cor, mas também um pouco da representação da cultura africana e de figuras pretas importantes na história da sociedade, como Martin Luther King e Zumbi dos Palmares. Utilizando-se desses recursos, o autor explora em sua obra



a forma como o processo de identificação e representação surge e incide sobre as crianças.

Figura 1 – Capa do Livro *Amoras*



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Nascido em 17 de agosto de 1985, Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido pelo nome artístico Emicida, é um rapper, cantor e compositor brasileiro muito influente na cena do hip hop do Brasil, desde a década de 2000, quando começou sua carreira nas batalhas de improvisação. Sempre produziu obras voltadas para as problemáticas e desafios enfrentados pelos negros em um país de estrutura racista, buscando exaltar e recuperar a autoestima daqueles que apreciavam e se identificavam com seus trabalhos (Emicida [s.d.]). Em entrevista disponibilizada em seu canal do *Youtube*, de título *Por que o Emicida fez um livro infantil?* o autor explica que a intencionalidade de publicar um livro que tenha impacto nas faixas etárias mais baixas é a de conseguir levar referências bonitas e positivas a respeito de sua própria imagem para as crianças, a fim de que essas sejam bem consolidadas antes que esses indivíduos cresçam com traumas já instaurados pelas vivências em sociedade. No vídeo, Emicida (2018) destaca a importância de encontrar “palavras inspiradoras, palavras positivas, palavras convidativas, que façam com que as crianças alcancem as conclusões por elas mesmas”, de modo a potencializar a consolidação desse aprendizado e convicção. Diante disso, as páginas do livro vão se utilizando de uma linguagem fácil e poética, além de ilustrações coloridas e lúdicas, para captar a atenção dos leitores.

Desse modo, a leitura do livro começa com a apresentação da ideia de que a cabeça das crianças, ou seja, a mente e capacidade de pensar das crianças, é o palco ideal para explorar e pensar as mais diferentes temáticas, pois possuem um pensamento que dança, ou seja, um pensamento que se move e se transforma à medida que é explorado e apresentado à novos contextos e situações:

Figura 2 – páginas 4 e 5 do livro.



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Ainda sobre isso, nas próximas páginas do livro, o autor destaca a pureza e profundidade dos pensamentos das crianças, fazendo uma comparação com Obatalá, que, de acordo com o glossário apresentado nas últimas páginas da obra, é “o grande orixá, pois foi o criador do mundo, dos homens, das plantas e dos animais” (Emicida, 2018, p. 40). Obatalá é considerado como o ser criador, encantado e muito poderoso. Possui as vestes todas em branco, dessa forma, seu nome tem o significado de Obatalá “Oba ti o ni ala”, o Rei vestido de branco, ou seja, O Senhor do Pano branco, o Orixá Obatalá, no Brasil também chamado de Oxalá. Com esta discussão, Emicida difunde o conhecimento acerca das cosmologias e das religiões de matriz africana para as crianças negras no Brasil; O candomblé, ifá, e umbanda, por exemplo, têm sido alvo de ataques racistas, mesmo sendo patrimônio cultural um importante legado civilizatório herdado do tráfico transatlântico. Em vista disso, o livro *Amoras* fortalece a luta contra o racismo religioso no Brasil ao apresentar para as crianças o Orixá criador dos povos yorubás.

**Figura 3** – páginas 6 e 7 do livro *Amoras*



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Seguindo, nas próximas 4 páginas, Fig. 4 e Fig. 5, o autor apresenta mais duas figuras religiosas, utilizando-se de diferentes nomenclaturas, pertencentes a religiões diversas, para falar de Deus. Essas representações mostram a preocupação do autor em se posicionar acerca de problemáticas difíceis, como a intolerância religiosa, de modo compreensível para o público alvo do livro, as crianças. Para ele, a noção de igualdade delas ainda está preservada até certo ponto, o que pode ajudá-las a internalizar melhor que o ataque às diferenças é errado e ampliar suas noções de diferença (Emicida, 2018). Desse modo, apresenta-se à criança outras maneiras de pensar as diferentes religiões, que não sejam amparadas na estigmatização e intolerância, e não coloquem as representações diferentes daquelas em que se acredita como “um grande mal imaginário que se responsabilize por todos os males na vida das pessoas” (Nogueira, 2020, p. 13).

**Figura 4** – páginas 8 e 9 do livro *Amoras*



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

**Figura 5** – páginas 10 e 11 do livro Amoras



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

É então que o autor traz o questionamento acerca da forma como os pensamentos das crianças surgem. Neste momento, as ilustrações fazem uma simbologia de como os pensamentos se moldam a partir da representação do desenho da menina de cabelos cacheados, apresentada abaixo, colocando a constituição de subjetividade dos indivíduos atrelada à sua própria figura.

**Figura 6** – páginas 12 e 13 do livro Amoras



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Nas próximas páginas, representadas na Fig. 7, o narrador é apresentado na ilustração, fazendo uma reflexão sobre a maneira como as crianças o ensinam muito, mesmo quando ele se coloca no papel de ensiná-las. Voltando à sua entrevista no youtube, Emicida (2018) corrobora com essa ideia, quando fala sobre a ótica das crianças ser grandiosa e sobre como a oportunidade de agora observar de um outro local o crescimento das crianças, como pai de duas meninas, o traz novas oportunidades e perspectivas de pensar, e o ensina cada dia mais sobre sensibilidade e doçura.

**Figura 7** – páginas 14 e 15 do livro Amoras



Fonte: elaborado pelo autor (2024).



A seguir, na Fig. 8, somos apresentados ao enredo principal do livro: o narrador, passeando com a menina no pomar, começa a colher amoras com ela, explicando que as frutas mais pretinhas são as mais doces e as melhores existentes.

**Figura 8** – páginas 16 e 17 do livro Amoras



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Na Fig. 9 vemos que a frase “as pretinhas são o melhor que há” (Emicida, 2018, p. 18,19) é destacada, deixando evidente o intuito de reforçar essa mensagem, não só se relacionando às frutas, mas também à própria figura da criança. Essa parte do livro é muito importante para o enfrentamento ao racismo, principalmente em um contexto em que o sistema de classificação social ocorre via colorismo, ou seja, a diferença de tratamento entre pessoas é baseada na cor da pele. Considerando que há nuances de cor diferentes dentro do grupo racial negro, as pessoas com pele mais escura sofrem mais opressões, causando desigualdade de oportunidades, afetando o acesso a empregos, educação, saúde, moradia e outros recursos importantes. Ao narrar que “as pretinhas são as melhores”, Emicida, provavelmente, buscou enaltecer a beleza de crianças negras de pele escura que podem estar sofrendo racismo em sala de aula, promovendo equidade racial.

**Figura 9** – páginas 18 e 19 do livro Amoras



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Com a explicação que o narrador dá para o fato das amoras mais pretinhas serem as melhores, mostrada na Fig. 10, o texto permite uma alusão ao fato de a cor da pele da menina representar também o quão doce ela é, assim como as amoras. Desse modo, a obra coloca ênfase sobre o reconhecimento da identidade racial das crianças e de referência positiva na construção de subjetividade, como representado nas imagens seguintes:

**Figura 10** – páginas 20 e 21 do livro Amoras



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

A partir dessas ideias, vemos que a menina chega então a uma conclusão. Conclusão esta que a torna tão forte quanto um lutador diante das adversidades que podem surgir, tão gentil como a figura histórica de Martin Luther King e que traz orgulho e felicidade para Zumbi dos Palmares, mostrando que toda a luta organizada por seus antepassados, valeu a pena.

**Figura 11** – páginas 22 e 23 do livro Amoras



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Para ilustrar essas ideias, o livro se utiliza da ilustração dessas figuras históricas. Na Fig. 12 o leitor é apresentado à figura de um lutador negro, que pode representar a figura de quem é considerado um dos maiores lutadores de boxe da história, Muhammad Ali.

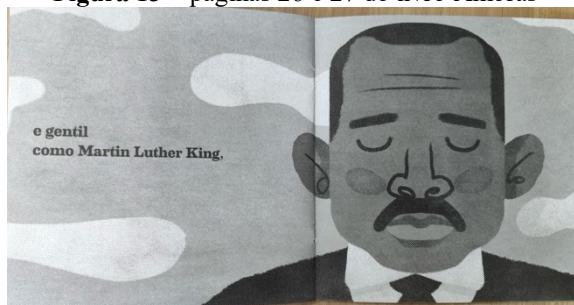
**Figura 12** – páginas 24 e 25 do livro Amoras



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Logo após, na Fig. 13, é apresentada a imagem de Martin Luther King, um importante ativista político que se dedicava a lutar pelos direitos civis dos negros e foi essencial na luta contra a segregação racial nos Estados Unidos.

**Figura 13** – páginas 26 e 27 do livro Amoras



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Por último, é representada a imagem de Zumbi dos Palmares, na Fig. 14, que foi o líder quilombola de um grande quilombo do Brasil, que lutou contra a escravidão dos negros no período colonial e até hoje é tido como símbolo dessa luta.

**Figura 14** – páginas 28 e 29 do livro Amoras



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

É importante destacar que o uso de figuras históricas se torna uma ferramenta muito interessante no livro, já que apresenta aos leitores figuras representativas da luta e história contra o racismo, que muitas vezes podem passar batidas durante a escolarização. Além disso, demonstra a importância de se voltar ao passado para se pensar novas perspectivas de futuro, inspirando os jovens leitores a continuarem mantendo viva a história de seu povo, valorizando sua cultura e se posicionando no mundo.

Seguindo a história, o narrador volta a aparecer, apresentando a conclusão da pequena menina com palavras tão belas aos ouvidos como uma canção, que combinam perfeitamente com as amoras com as quais brinca. Ela então surge com a expressão pensativa e declara sua conclusão ao seu pai: “Papai, que bom, porque eu sou pretinha também!” (Emicida, 2018, p. 36-37). Neste ponto, o livro traz à tona o poder da identificação positiva com a própria imagem para a constituição das crianças pretas. Ao conseguir simbolizar que sua cor é igual a das frutas, a protagonista internaliza a noção de que, assim como elas, ela é linda e doce. Percebe-se na ilustração, a satisfação e felicidade que essa conclusão proporciona à menina, nos permitindo deduzir que a informação que acabou de ser reconhecida e internalizada foi benéfica para a percepção e autoimagem da personagem.

Assim como acontece na história, o acesso a essa obra, onde uma personagem possui características visuais com as quais as crianças podem se identificar, e que mais do que isso, apresenta amor e orgulho dessas características, é uma ferramenta



potencializadora de autoestima e aceitação para os pequenos. Ao vislumbrar o caminho que foi traçado pela menina no livro e suas constatações sobre si mesma, as crianças podem se sentir representadas e se enxergarem no papel de protagonistas de suas vivências a partir de um padrão atingível e acessível a elas, tudo isso com um olhar de empoderamento e inspiração.

**Figura 15** – páginas 36 e 37 do livro *Amoras*



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

A leitura da obra se encerra desse modo, possibilitando pensar acerca da construção do livro e de sua história como potencializadoras da constituição de uma identidade étnico racial nas crianças, já que sua construção está atrelada ao processo de interação com o outro e com possíveis ferramentas de identificação (Gomes, 2002, p.39). Nesse sentido, a obra se destaca como um veículo de representação que possui uma narrativa que dá ênfase à valorização da imagem negra e sua cultura, e o respeito à diversidade, focado em atingir o público infantil. Sendo assim, a fase da infância é um período de plena formação identitária, em que as crianças devem ser vistas como sujeitos reais que possuem papel ativo na construção de mundo e de cultura, que ressignificam as relações sociais a partir das conexões que estabelecem com as pessoas e contextos que os rodeiam e que são capazes de reconhecer seu pertencimento a determinada raça e etnia quando apresentados à essas discussões (Santiago, 2015, p. 133). Desse modo, a criança negra é extremamente capaz de se constituir internamente a partir dos símbolos que recebe externamente em seus brinquedos, representações midiáticas, afetos e vivências em família e comunidade (xxxxx, 2020, p. 88). Nesse sentido, conceber representações fora dos chamados Campos Midiáticos da Minoria Minorizada, que dizem respeito ao uso dessas representações para a manutenção da supremacia branca, fomentando estereótipos racistas (Almeida, 2021, p. 2), é extremamente importante, e isso pode ser feito oferecendo recursos como o livro *Amoras*, já que ele possibilita que a criança crie uma relação harmoniosa com sua própria figura, pensando o próprio corpo como local e fonte de vida e prazer (Souza, 1983, p.15).

Diante disso, utilizando-se do verbal e do visual, o livro apresenta a possibilidade para as crianças de pensar na própria vivência e na própria imagem corporal a partir da identificação com a personagem do livro, reproduzindo na vida real valores repassados e construídos pela fantasia e imaginação (Soares et al. 2023, p.45). Assim,

Por meio das ilustrações ocorre a fruição criativa e a ampliação dos horizontes de expectativas do leitor, pois muitos elementos desconstruem estereótipos negativos – sobre a relação entre o fato de ser preto fazer referência a algo ruim – uma vez que existem as “amoras que quanto mais pretinhas mais docinhas” (Soares et al. 2023, p. 54).



Sendo assim, se pensarmos a identidade negra como “uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos” (Gomes, 2002, p.39), apresentar obras como a mostrada neste artigo é de suma importância, porque possibilita que os pequenos leitores tenham acesso à referências de sua cultura e ancestralidade, produzindo uma visão coletiva de beleza e valor da figura preta embasada em um pensamento negro contemporâneo de emancipação, valorização e conexão com a maioria minorizada a qual pertence (Almeida, 2021, p. 3). Concluindo, possibilitar que esse referencial seja o ponto de partida para que as crianças se identifiquem e reconheçam suas subjetividades se torna essencial para criar indivíduos que vivenciam sua corporeidade de forma livre e prazerosa e tenham repertório crítico para se colocarem frente às problemáticas que os cercam (Soares et al. 2023, p. 54).

### 3. Contribuições do livro *Amoras na escola*

A educação étnico-racial pode ser compreendida em sua pluralidade como uma oportunidade de oferecer aprendizagem e reflexão cognitiva desatrelada de uma perspectiva colonial e estereotipada da figura negra para crianças e jovens ainda inseridas no cenário educacional. Diante disso, mesmo entendendo que a escola não é o único veículo responsável pelos processos educativos, entende-se que ela é o espaço em que se aprende não somente os conteúdos escolares, mas também conteúdos e saberes advindos da interação grupal, como crenças, valores e hábitos, assim como os mais diversos preconceitos (Gomes, 2002, p. 39).

Tomando a construção da identidade como um processo contínuo e que se constrói a partir dos diversos espaços acessados pelo indivíduo, a constituição da identidade negra com certeza será atravessada pela sua trajetória escolar, principalmente considerando que, no Brasil, o período de ensino obrigatório é dos 4 aos 17 anos de idade, o que contempla um grande período do desenvolvimento pessoal dos indivíduos, englobando infância e adolescência. Por isso, mesmo que a escola não se caracterize como a única instituição responsável por desenvolver estratégias de superação do racismo, ela precisa ser um local envolto de criticidade em relação às desigualdades e preconceitos difundidos na sociedade, se posicionando de maneira clara e ativa no combate dessas problemáticas (Gomes, 2002, p. 39).

Diante disso, se faz necessário olhar para o referencial teórico apresentado dentro das instituições, visto que ele é a base utilizada dentro da escola para a passagem de conhecimento, de maneira a entender de que modo a história preta está sendo retratada e que tipo de identificação é possibilitada para as crianças nesse contexto. Sabe-se que esta base está muito atrelada à uma construção de saberes já comentada anteriormente durante o artigo, alicerçada na ótica branca, europeia e colonial. Com isso, os referenciais passados durante o ensino ficaram muito presos a ideia de que pessoas pretas não foram responsáveis por contribuições importantes nos âmbitos da ciência, literatura e outros durante a história (Almeida, 2019, p. 30), além de não apresentar figuras literárias pretas fora dos estereótipos propagados socialmente de vocação da figura negra para a servidão, criminalidade e ingenuidade (Almeida, 2019, p. 30).

Nesse sentido é que se destaca a importância de políticas públicas que visem combater esse tipo de discriminação, potencializando uma educação antirracista. Como exemplo disso, temos a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que determina como obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, incluindo as temáticas da luta dos negros no Brasil, a cultura negra e o negro na formação da sociedade brasileira e as

contribuições do povo negro na história do Brasil, nos âmbitos social, econômico e político. Além disso, coloca a obrigatoriedade de se discutir sobre isso em todo o currículo escolar, sobretudo nas áreas de literatura, artes e história. Por último, instaurou o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra (BRASIL, 2003). Esse tipo de movimentação política abre espaço para a valorização e reconhecimento histórico da cultura e do povo negro na construção do país, além de fortalecer uma educação inclusiva, distanciada de estereótipos e potencializadora para os negros inseridos nesse contexto, possibilitando referenciais positivos.

Porém, somente a implementação da lei não é sinônimo de pleno funcionamento da mesma. Ainda existem empecilhos como a falta de profundidade no trabalho das questões étnico-raciais no contexto escolar e também a falta de materiais teóricos, literários e midiáticos que sirvam como base para as discussões. Nesse sentido, o livro *Amoras* pode ser destacado como uma importante referência a ser utilizada dentro do contexto educacional, principalmente nos anos iniciais, já que explora em sua história a identificação e valorização do ser negro, figuras históricas importantes, como Zumbi dos Palmares e Martin Luther King, a diversidade religiosa e a importância de se respeitar as diferenças. Esse tipo de representação midiática é essencial para trabalhar o empoderamento negro, já que:

Ao oferecer modelos a serem seguidos que se alinham às suas próprias experiências, as crianças negras podem desenvolver uma autoimagem positiva e uma conexão mais profunda com suas origens, promovendo assim a aceitação, a autoestima e o sucesso acadêmico (Nunes et al., 2023, p. 92).

Portanto, a partir de narrativas como a deste livro, é possível acessar, pensar, refletir e até mesmo estruturar novos questionamentos e concepções sociais, porque permite que as futuras gerações se desenvolvam engajadas no debate étnico-racial e na importância da inserção de autoria e temáticas negras na educação como um todo, a fim de valorizar e empoderar os indivíduos (Marques et al., p. 5). Além disso, a literatura racializada reconhece a pluralidade de identidades existentes na sociedade e assim, possibilita que as crianças se identifiquem e se reconheçam no contexto da ilustração, e reproduzam na vida real essas potencialidades (Marques et al., 2022, p. 5).

#### 4. Considerações Finais

O presente trabalho buscou discutir a relevância do acesso a representações positivas da figura negra para a formação de identidade e subjetividade em crianças negras, por meio da interdisciplinaridade entre psicologia e literatura. A junção desses dois campos teóricos possibilitou pensar sobre o complexo processo de subjetivação e como a apresentação de recursos didáticos/midiáticos representativos podem contribuir para moldar a maneira como a criança se enxerga e enxerga o outro. Essa visão foi amparada e exemplificada por meio de uma leitura detalhada do livro *Amoras* de Emicida.

Amparado na literatura existente sobre a temática, a construção do texto visou ressaltar a importância de apresentar esse tipo de representação racial desde cedo para as crianças, utilizando-se de espaços que são ocupados por elas, como a escola, para fortalecer uma autoimagem positiva, empoderada e uma consciência racial nas crianças, a fim de que elas se fortaleçam e consigam ter mais autoestima e sabedoria para construir reflexões para a mudança dos paradigmas racistas implementados estruturalmente na sociedade.

Além disso, é crucial considerar que o acesso a essas representações positivas é de extrema importância para o reconhecimento das necessidades das maiorias minorizadas. Essas pessoas, embora representem a maioria numérica em algumas sociedades, ainda enfrentam dificuldades relacionadas à sua identidade e representação. Assim, promover recursos literários e midiáticos inclusivos e representativos acabam não só empoderando as crianças negras, como destacado no artigo, mas também contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos os grupos que se encaixam na categoria de maiorias minorizadas. Ao pensar sobre essas questões e tentar mudá-las, fortalecemos a autoimagem das crianças e cultivamos um ambiente social e educacional que celebra e valoriza a diversidade, promovendo igualdade e justiça social.

Diante do exposto, o artigo reconhece a importância de consumir obras que sejam dotadas de sentido racial, com representações realmente positivas da figura negra, além de incentivar a produção e propagação de recursos literários e midiáticos com essa temática para que as crianças tenham figuras em quem se espelhar para sua construção identitária, que não sejam as impostas pela sociedade colonial e racista. Por isso, torna-se muito importante a utilização desses recursos como ferramentas que permitem uma educação antirracista e humanizadora, dentro e fora das escolas, e que abra a possibilidade de construção subjetiva e identitária nas crianças de amor e valorização da própria figura.

## Referências

ALMEIDA, D. S. Maioria minorizada. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 21, n. 230, p. 393-395, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60030/751375152650>

ALMEIDA, S.. *Racismo estrutural*. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRASIL, Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, DF, 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm)

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. *Cabelos Crespos em Movimento(s): Infância e Relações Étnico-Raciais*. Florianópolis, 2020. Tese (doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216697>

DOS SANTOS PEREIRA, S.; DO NASCIMENTO, I. S. Literatura infantil com personagens negras: narrativas descolonizadoras para novas construções identitárias e de mundo. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 27, n. 2, p. 481-496, 2020. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/11440/114115319>

ELESBÃO, J.. RESENHA: Livro Amoras, do Emicida. *Associação dos Livros Para a Vida*, 2020. Disponível em: [https://www.alpv.org.br/wp/resenha-livro-amoras-do-emicida/?gad\\_source=1&gclid=Cj0KCQiA7OqrBhD9ARIsAK3UXh3WxDQegzdmQls-56eYyg3W5ijAjAcCT8u8onI6yrC-UnGuHSTLfvAaAlqrEALw\\_wcB](https://www.alpv.org.br/wp/resenha-livro-amoras-do-emicida/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQiA7OqrBhD9ARIsAK3UXh3WxDQegzdmQls-56eYyg3W5ijAjAcCT8u8onI6yrC-UnGuHSTLfvAaAlqrEALw_wcB). Acesso em: 15/12/2023.

EMICIDA. *Amoras*. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

EMICIDA. Página oficial, [s.d.]. Conheça. Disponível em: <https://emicida.com.br/conheca?lang=ptbr> . Acesso em: 15/12/2023

EMICIDA. Por quê o Emicida fez um livro infantil?. Youtube, 26 set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3czQelua5nA&list=RD3czQelua5nA>. Acesso em: 15/12/2023

FRIGOTTO, G. Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais. *Revista Centro de Educação e Letras*, v. 10, n. 1, p. 41-62, 2008. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143/3188>

GOMES, N. L. Educação e identidade negra. *Aletria: revista de estudos de literatura*, v. 9, p. 38-47, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912/14702>

MARQUES, J. de L. M.; SADER, Letícia Takano; CHOTOLLI, Wesley Piante. O protagonismo negro na literatura infantil amoras, de emicida: caminho para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. *Revista GESTO-Debate*, v. 6, n. 01-24, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/gestodebate/article/view/17533/12050>

MENEZES, V. B. de. O papel da literatura infantil afro-brasileira na construção identitária das crianças negras. 2017. Disponível em: [https://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/632/1/2017\\_mono\\_v\\_menezes.pdf](https://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/632/1/2017_mono_v_menezes.pdf)

NOGUEIRA, S. *Intolerância religiosa*. Pólen Produção Editorial LTDA, 2020.

NUNES, A. C. F.; PEREIRA, E. E. BATISTA, L. R. Empoderamento e representatividade na animação Zarafa: a importância de narrativas diversificadas para crianças negras. In: *Cinema Negro*, p. 89-96, 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Douglas-Pestana-Dos-Santos/publication/375864941\\_cinema\\_negro\\_D'Africa\\_a\\_Diaspora\\_o\\_pensamento\\_antirracista\\_de\\_Kabengele\\_Munanga/links/656001fcb86a1d521b030450/cinema-negro-DAfrica-a-Diaspora-o-pensamento-antirracista-de-Kabengele-Munanga.pdf#page=89](https://www.researchgate.net/profile/Douglas-Pestana-Dos-Santos/publication/375864941_cinema_negro_D'Africa_a_Diaspora_o_pensamento_antirracista_de_Kabengele_Munanga/links/656001fcb86a1d521b030450/cinema-negro-DAfrica-a-Diaspora-o-pensamento-antirracista-de-Kabengele-Munanga.pdf#page=89)

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina1. In: *A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

QUIJANO, A. Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru. *Estudos Avançados*, v. 6, p. 73-80, 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/HGhkC4xVR3mfb8pythJphVG/?format=pdf&lang=pt>

RAMMINGER, T.; NARDI, H. C. Subjetividade e trabalho: algumas contribuições conceituais de Michel Foucault. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 12, p. 339-346, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/TWmLd3QBXGJTG6NvtBv7bvj/?format=pdf&lang=pt>



SOARES, M. A. da S. .; TAVARES, M. .; NASCIMENTO , J. C. M. do . Relações de contraponto entre texto verbal e ilustrações em amoras (2018) de emicida. *Revista 15 de outubro*, Campina Grande, v. 1, n. 2, p. 39–55, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8412299. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/r15o/article/view/1056>. Acesso em: 8 dez. 2023.

SANTIAGO, F. Gritos sem palavras: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo. *Educação em Revista*, v. 31, p. 129-153, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/DgFvJxgwpkcw7J8748FVVbt/?format=pdf&lang=pt>

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.